



DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM MAIS FREQUENTES EM CINCO ESCOLAS DE CAMPO GRANDE – MS: Uma visão do profissional de Educação Física

Ianamary Monteiro Marcondes
Portal Educação e Universidade Católica Dom Bosco

RESUMO

As dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos escolares atualmente estão crescendo e possuem fatores diferenciados. Desta forma, nesta pesquisa buscamos quantificar e classificar os principais problemas de aprendizagem encontrados nas escolas. Para tanta realizamos um estudo onde 5 (cinco) escola da Cidade de Campo Grande – MS apontaram estes problemas. As informações produzidas neste estudo permitiram a quantificação de alguns problemas de aprendizagem encontrados nas escolas.

JUSTIFICATIVA

Quando adentramos o meio escolar, logo nos deparamos com diferentes situações no processo de aprendizagem. Porém, muitos profissionais presentes na escola não sabem como lidar com determinadas situações, onde o aluno apresenta algum tipo de dificuldade. Muitas vezes os professores não observam o aluno para tentar entender o que está dificultando seu processo de aprendizagem. O que ocorre é que estes alunos são deixados de lado e rotulados sem ao menos terem uma chance. A partir buscamos perguntar para as escolas como elas analisam estes alunos e quais são dificuldades mais frequentemente encontradas na escola. Essa pesquisa foi uma atividade proposta pelo curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia e traz consigo diferentes tipos de reflexões e questionamentos para novas pesquisas.

OBJETIVO

Diagnosticar as dificuldades de aprendizagem mais frequentes nas escolas.

METODOLOGIA

Neste estudo realizamos quantitativa, onde possuímos a intenção de quantificar os problemas de aprendizagem mais frequentes nas escolas. Para isso foram realizadas entrevistas onde as escolas apontavam estas dificuldades. Para a realização desta pesquisa foram selecionadas 8 escolas que afirmar ser inclusivas trabalhando de forma adequada o processo de aprendizagem dos alunos que apresentam alguma dificuldade. Primeiramente as escolas foram questionadas se desejariam participar da pesquisa, onde as escolas participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aceitando participar da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada entre os dias 1º á 15 de julho em escolas de Campo Grande - MS. Para a obtenção dos resultados foi realizada uma entrevista estruturada com



apenas duas perguntas, onde os entrevistados poderiam se estender em relação ao problema, ou apenas apontar as dificuldades apresentadas por seus alunos.

Das 8 (oito) escolas contatadas, 5 (cinco) se prontificaram a responder aos questionamentos. Destas 5 (cinco) escolas participantes da pesquisa 3 (três) são da Rede Particular e 2 (duas) da Rede Pública. Além disso, 3 (três) são localizadas em bairros da periferia da cidade e 2 (duas) no centro da cidade de Campo Grande – MS. Os resultados obtidos foram analisados no programa *Excel Software 2.0*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das cinco escolas que aceitaram participar da pesquisa, foram obtidos 9 (nove) problemas que podem dificultar a aprendizagem do aluno. Dentre os problemas apontados pelas escolas encontramos tanto problemas sociocognitivos até doenças que prejudicam a aprendizagem. É importante comentar que esses problemas listados abaixo foram os que as escolas julgaram como os 3 (três) mais frequentes ou mais difíceis de lidar, porém sabemos que existem problemas encontrados na escola que não foram listados para essa pesquisa. Esses 9 (nove) problemas apontados foram divididos em 3 categorias e estão listados abaixo:

Quadro 1: Apresentação dos resultados obtidos.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM			
ESCOLAS	Doenças que afetam a aprendizagem	Doenças relacionadas a aprendizagem	Problemas sociais e emocionais
1	-----	Discalculia	Distúrbios emocionais Estresse
2	Autismo Deficiência mental	-----	Desinteresse
3	-----	-----	Desinteresse Estresse Baixa estima/problemas de autoconfiança
4	Autismo	Dislexia	-----



	TDAH		
5	TDAH	Dislexia	Baixa estima/problemas de autoconfiança

Fonte: Dados coletados durante as entrevistas.

Organizadora: MARCONDES, I. M.

Com base nos estudos a respeito da relação entre aprender e ensinar, esses problemas listados acima serão analisados. De acordo com Servantes (2012) o professor exerce seu papel de aprendiz a partir da práxis pedagógica. Portanto essa troca existente entre professor e aluno, é importante para que o professor exerça sua função de aprendiz e acrescente novos conhecimentos em sua prática pedagógica.

Diferentes autores como, por exemplo, Piaget (1952) concorda que o desenvolvimento humano é contínuo. Porém, para ele o ser humano se apropria do conhecimento e se adapta a ele (SILVA et al, 2011). Além disso, Vygotsky (2004) também afirma que o desenvolvimento humano é contínuo, durante toda nossa vida estamos interagindo com o meio para aprendermos novas coisas e com isso modificando esse conhecimento.

Com isso, podemos notar que vários estudiosos do desenvolvimento humano afirmaram que estamos constantemente em processo de aprendizagem. A práxis pedagógica pode ser claramente vista nas palavras de Vygotsky a respeito da troca que nós fazemos com o conhecimento e com as pessoas a nossa volta.

Analisando a práxis pedagógica notamos que diariamente o professor enfrenta situações que o ajudam a refletir a respeito de sua prática pedagógica e o ensinam novos caminhos para ensinar a mesma coisa. Porém, quando nos deparamos com alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem a atenção é dobrada e, como consequência, o aprendizado do professor também.

Em situação onde os alunos apresentam quadros de doenças relacionadas ou que afetam a aprendizagem, o professor será um ser aprendiz e vivenciará o conhecimento de diferentes formas. O professor terá que buscar o conhecimento adequado a respeito do problema específico daquele aluno. Porém, de acordo com Servantes (2012) “a aprendizagem profissional não se garante, apenas, com o processo acadêmico, mas em conjunto com as práticas diárias” (grifos meus, p. 47). Portanto, podemos afirmar que além de se tornar um aprendiz na busca do conhecimento necessário para o atendimento ao seu aluno, o professor será um aprendiz também em sua prática diária, a partir das respostas do aluno ao seu trabalho.

Além das doenças que estão ligadas direta ou indiretamente a aprendizagem, a maioria das escolas apontou como suas principais dificuldades os problemas sociais e emocionais que interferem de alguma forma na aprendizagem do aluno. Sabemos que essas dificuldades emocionais e de interação social ocorrem a partir da forma que o aluno interage com o meio social. Desta forma a família é ponto e suporte fundamental na relação da criança com o meio em que ela vive. Portanto acredito que seja importante citar Silva e Nascimento (2005) quando eles afirmam:



São funções da família a proteção aos seus membros e o favorecimento a sua adaptação a cultura a qual faz parte. Deve favorecer proteção às crianças, garantindo-lhe a subsistência e contribuir para a socialização das mesmas [...] Deve dar suporte a sua evolução ajudando-lhes no processo de escolarização e de instrução progressiva em outros aspectos da vida social. Finalmente, deve contribuir para que as crianças se tornem pessoas emocionalmente equilibradas, capazes de formar vínculos afetivos com os outros por terem uma boa autoestima e uma identidade bem estabelecida (grifos meus, p. 97-98).

Percebemos então que a forma como a família apresenta e organiza esse meio cultural para a criança é de extrema importância para que a criança tenha uma boa relação com seu meio social. Dificuldades apontadas como, baixa estima, problemas de autoconfiança, estresse, distúrbios emocionais, desinteresse são respostas à forma como a família organizou a aprendizagem dessa criança a respeito do meio. As atitudes dos pais são espelhos para o comportamento dos filhos. Porém, a forma como o professor organiza essa interação do seu aluno com o meio também influencia no surgimento desses problemas.

O importante é quando nos deparamos com situações problemáticas com nossos alunos, não podemos rotulá-los. Devemos auxiliá-los para que os mesmos tenham autonomia para enfrentar esse problema. Contudo, para isso o professor deve deixar de lado sua postura de eterno ensinante e se tornar um aprendiz, para que o mesmo possa conseguir lidar com essa situação e dar suporte para que seu aluno consiga alcançar a autonomia citada.

Se analisarmos estas dificuldades de aprendizagem do ponto de vista das aulas de Educação Física, notaremos que alguns desses problemas também são frequentes. Dos problemas apresentados pelas escolas, principalmente os problemas ligados a interação social do aluno com o meio afetam as aulas. É comum durante as aulas de Educação Física o professor ter de buscar diferentes estratégias para motivar e conseguir a atenção de seus alunos.

A luta do professor de Educação Física, assim como a dos professores de sala é encontrar a melhor forma de conseguir a atenção dos seus alunos, para então começar a trabalhar os conteúdos desejados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi possível observar alguns problemas que as escolas apresentam como os mais frequentemente encontrados. Com base nestes dados podemos notar que a gama de problemas no processo de aprendizagem encontrados nas escolas pode ser elevada e variada, cabendo ao educador estar sempre atento para perceber e saber lidar com estes problemas.



Os fatos das escolas terem afirmado ser escolas inclusivas não confirma que elas realmente sejam. Portanto a partir desse estudo, outro poderá ser realizado analisando se o atendimento as dificuldades apresentadas por seus alunos é efetivo. Além disso, uma análise da visão do professor de Educação Física e dos métodos utilizados por ele também pode ser feito, o que ampliaria a discussão a respeito da atuação do professor de Educação Física frente as dificuldades apresentadas por seus alunos.

Por fim, cabe ressaltar que esta pesquisa é um estudo inicial a respeito dos problemas de aprendizagem apresentados por escolares. Novas análises aprofundadas, inclusive as descritas acima serão realizadas. Pretende-se entender e analisar a forma como as escolas lidam com este problema e discutir o paradigma das falsas escolas inclusivas.

REFERÊNCIAS

PIAGET, Jean. *A history of Psychology in Autobiography*. Worcester, Clark University Press, 1952.

SERVANTES, Luciano F. *Aprendizagem e Autoria*. EAD – Educação a Distância Parceria Universidade Católica Dom Bosco e Portal Educação, 2012.

SILVA, Maria A. C. B. e NASCIMENTO, Ruben de O. Relação pais e filhos e o processo de aprendizagem escola: um estudo de caso. *Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*. Vitória da conquista, ano III, n.4, p. 89-110, 2005.

SILVA, P. S. M da; CARNEIRO, S. N. V.; VIANA, M. N. *O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget*. Portal dos Psicólogos, 16 de dezembro de 2011.

VIGOTSKI, Lev Semenovich, *A Formação Social da Mente*, São Paulo, Martins Fontes, 2004.



PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR

Andréia Cristina Silva de Jesus¹
Aline Maira da Silva²

A Educação Física proporciona bem estar físico, social e mental a todos, sem a exclusão de qualquer aluno, mas para tanto é necessário que os professores tenham conhecimento sobre os pressupostos da inclusão escolar e clareza sobre como aplicá-los em cada contexto. O objetivo do estudo foi levantar as percepções de professores de Educação Física sobre o processo de inclusão escolar. Participaram seis professores de Educação Física, de três escolas municipais de Dourados/MS. Como principais resultados foi possível identificar que os professores demonstraram pouco conhecimento sobre os princípios e características do processo de inclusão escolar, apesar de todos apresentarem preocupação em preparar e ofertar atividades pedagógicas capazes de garantir a participação e o desenvolvimento dos alunos com deficiência. A maior parte dos professores relatou não receber nenhum tipo de apoio e indicaram obstáculos para a inclusão escolar. Além disso, quanto à formação recebida, os professores avaliaram que a mesma foi insuficiente para prepará-los para o atendimento à diversidade no contexto escolar. É possível concluir que o processo de inclusão escolar está acontecendo também no que diz respeito à área de Educação Física, mas muitas barreiras precisam ser superadas para que os alunos com deficiência sejam realmente incluídos.

Palavras-chave: inclusão escolar; percepção de professores; Educação Física escolar.

Perception of Physical Education Teachers About School Inclusion

Physical Education provides physical well-being, social and mental health to all, without exclusion of any student, but for this it is necessary that teachers be aware of the assumptions of school inclusion and clarity about how to apply them in each context. The aim of this study was to identify the perceptions of teachers. Participants were six physical education teachers, three municipal schools of Dourados/MS. The main results, we found that teachers demonstrated little knowledge on the principles and characteristics of school inclusion, although all of them have concern in preparing and offering educational activities pedagogical able to ensure the participation and development of students with

¹Licenciada em Educação Física e acadêmica do Curso de Especialização em Educação Física Escolar, ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (FAED/UFGD).

²Doutora em Educação Especial, professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (FAED/UFGD).



disabilities. Most teachers reported not receiving any support and indicated barriers to school enrollment. Furthermore, about the training received, teachers evaluated that it was insufficient to prepare them to meet the diversity in the school context. It was concluded that the process of school inclusion is also happening with regard to the area of Physical Education, but many hurdles must be overcome for students with disabilities are truly included.

Keywords: school inclusion; perception of teachers; Physical Education School.

Por muito tempo as pessoas com deficiência foram marginalizadas, excluídas do convívio social, do trabalho, da escola, enfim, foram tratados como incapazes para qualquer atividade, sofrendo os mais variados tipos de preconceito. Segundo Stainback e Stainback (1999), essas práticas segregacionistas tiveram efeitos prejudiciais e fortaleceram os estigmas sociais e a rejeição.

Atualmente, vivenciamos o paradigma da inclusão escolar, que prevê a prática da escolarização de todos os alunos em salas de aula provedoras, nas quais as especificidades são identificadas e as necessidades são atendidas (KARAGIANNIS; STAINBACK; STAINBACK, 1999). De acordo com Aguiar e Duarte (2005), a inclusão de alunos com necessidades especiais na escola regular, constitui uma perspectiva e um desafio para o século XXI, nos diferentes sistemas e níveis educacionais. De fato, não é suficiente apenas a criação de instrumentos legais que assegurem o ingresso de todos à escola, é preciso modificar atitudes, comportamentos e visões estigmatizadas.

Segundo Leonardo (2008), apesar dos inúmeros discursos em prol da inclusão nos vários segmentos da sociedade, ainda é no ambiente escolar que a inclusão vem se concretizando, buscando melhorias no seu atendimento para combater a exclusão de qualquer pessoa do sistema de educacional. Bianconi e Munster (2009) afirmam que as escolas de ensino regular são responsáveis por buscar soluções para que a inclusão realmente ocorra, e devem cobrar dos órgãos governamentais condições que facilitem esse processo, desde a estruturação física até estruturação e desenvolvimento curricular pedagógico.

Cruz et al. (2003 apud AFONSO; MUNSTER, 2008) ressaltam que, diante da problemática da inclusão escolar, é fundamental que a escola trabalhe como um todo, tornando-se um sistema mais amplo em prol da educação inclusiva, no qual todas as pessoas envolvidas



direta ou indiretamente com a educação (funcionários, pais, professores, gestores, profissionais especializados, entre outros) precisam estar mobilizados pela garantia de uma educação voltada para o acolhimento da diversidade. Segundo Costa (2011), todos devem lutar para construir uma escola capaz de oferecer uma aprendizagem apropriada e com qualidade, respeitando as diferenças existentes entre os alunos, garantindo que a escola não seja promotora apenas do ingresso do estudante em seu espaço, mas também que esta possa garantir a esses estudantes o sucesso.

É necessário que a escola seja realmente um espaço inclusivo, no qual o direito a uma aprendizagem significativa seja respeitado, de modo a proporcionar transmissão de valores éticos, troca de experiências e crescimento recíproco. Para tanto, a escola deve passar por toda uma reestruturação, em nível operacional, físico, administrativo e pedagógico (SOUTO et al., 2010)

Caso essa reestruturação escolar aconteça, em breve a escola será um lugar que realmente celebra as diferenças, respeita as desigualdades e promove a inclusão de todos, eliminando gradualmente preconceitos, discriminações, estereótipos e estigmas que muito contribuem para que o estranhamento entre os grupos se torne cada vez mais acirrado (COSTA, 2011). Como destaca Ferreira (2007 apud SOUTO et al. 2010), a escola precisa tornar-se um espaço aberto, acolhedor, preparado e disposto a atender às peculiaridades de cada um.

A inclusão escolar deve ser buscada por todo o sistema educacional, incluindo os professores de diferentes áreas. Neste estudo, o foco é problematizar e discutir a questão da inclusão escolar na área de Educação Física. A Educação Física proporciona bem estar físico, social e mental a todos, sem a exclusão de qualquer aluno, mas para tanto é necessário que os professores tenham compromisso com a inclusão escolar, por meio de embasamento teórico sobre os tipos de deficiência e como os mesmos se manifestam, bem como os diferentes procedimentos pedagógicos que podem ser implementados de modo a garantir o aprendizado e a participação de todos os alunos (AFONSO; MUNSTER, 2008). Os autores explicam ainda que a participação nas aulas de Educação Física, pode trazer benefícios para os alunos com deficiência, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades efetivas (satisfação, competência, solidariedade e lidar com as frustrações) e à inserção social.



A Educação Física faz parte do currículo da escola, sendo assim, é impossível ficar indiferente aos movimentos da educação inclusiva, sem que a área planeje mudanças e adaptações necessárias. Essas mudanças relacionam-se com as grades curriculares das universidades, a capacitação dos profissionais envolvidos, a prática em sala de aula e com a Proposta Política Pedagógica da escola, já que todos esses aspectos precisam estar interligados para a efetivação da inclusão escolar.

Segundo Aguiar e Duarte (2005), o professor de Educação Física com formação e capacitação adequada poderá desenvolver, planejar e implementar suas aulas com mais responsabilidade, segurança e compromisso, atendendo as necessidades dos seus alunos. De acordo com Souto et al. (2010, p.771):

[...] a Educação Física deve estar inserida no esforço coletivo, de promover a inserção e participação de todos nas ações educativas [...], isso implica uma mudança nos princípios que regem as práticas da cultura corporal na escola, passando a compreender os alunos em seu universo cultural e como os seres humanos que tem um potencial a ser desenvolvido a partir de suas relações com o mundo, precisando apenas que lhe sejam oferecidas oportunidades e exploração dessas potencialidades.

Isso requer um esforço de toda comunidade escolar, sendo o professor um colaborador que deve apresentar envolvimento e participação, principalmente aplicando em suas aulas práticas inclusivas para atender o aluno com necessidades educacionais especiais, de modo a afastar e até extinguir práticas excludentes em suas aulas.

Em um estudo realizado por Silva et al. (2005), foi verificado que a Educação Física como modalidade de ensino, encontra vantagens em relação as outras disciplinas no que diz respeito à atenção à diversidade, pois oportuniza a todos os alunos, independente de suas condições biopsicossociais, o desenvolvimento de suas potencialidades de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos (STRAPASSON; CARNIEL, 2007). Rodrigues (2004) concorda que a Educação Física tem algumas características positivas dentro do processo de inclusão escolar, pois seus conteúdos têm um grau de determinação e rigidez menor, comparado às demais disciplinas. Além disso, o autor destaca que o professor de



Educação Física possui liberdade para organizar os conteúdos que avalia como mais adequados para vivência e aprendizagem dos alunos.

A Resolução 03/87, que regulamentou a Educação Física Adaptada nas grades curriculares das universidades, contribuiu para o avanço da área quanto ao respeito à diversidade, ao propor ajustamento e modificações das atividades tradicionais da Educação Física, favorecendo a participação de todos com segurança, de acordo com as capacidades funcionais de cada aluno. Entendendo que a educação escolar é um direito de todos, a participação nas aulas de Educação Física pode ser praticada por qualquer pessoa, sem discriminação e preconceitos, com ênfase na igualdade e oportunidade (AGUIAR; DUARTE, 2005).

Segundo os autores, a Educação Física Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de graduação, por meio da Resolução número 03/87, do Conselho Federal de Educação, que prevê a atuação do professor de Educação Física junto ao aluno com deficiência e outras necessidades educacionais especiais. O objetivo da Educação Física Adaptada, como explica Munster (2009), é oferecer atendimento especializado aos alunos com NEE, respeitando suas individualidades, a fim de proporcionar um desenvolvimento global, levando o reconhecimento de suas potencialidades e integrando esse aluno na sociedade.

Por sua vez, a proposta apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), visa romper com a concepção, “da fragmentação dos saberes escolares, de atividades eminentemente prática, destituída de saberes e possibilidades de reflexão [...], separa corpo e mente sensibilidade/razão, agir/pensar, teoria e prática” (DEBORTOLI, et al., 2006 apud SOUTO et al., 2010 p.771). Ainda segundo os autores, a proposta vem oferecer subsídios para as discussões, os planejamentos, as avaliações da prática da Educação Física nas escolas, com o intuito de democratizar, humanizar e diversificar a prática da cultura corporal ampliando sua visão, antes centrada nos aspectos biológicos, para incorporação das dimensões efetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos.

Na pesquisa realizada por Gargatti e Rose Jr (2009), com o objetivo de analisar as percepções de professores de Educação Física do sistema regular de ensino diante da inclusão de alunos com deficiência, observou-se que a percepção geral foi negativa para com a inclusão, sendo que o pessimismo foi maior com relação a três fatores: a) fato de não se sentirem preparados para lidar com alunos que apresentam deficiências; b) falta de recursos materiais



apropriados; c) falta de apoio multidisciplinar. Também foi observado que os professores com menor tempo de experiência mostraram visões mais positivas no que se refere aos benefícios de todos os alunos com a inclusão escolar.

É possível identificar inúmeras barreiras a serem superadas no que se refere à inclusão de alunos com deficiência nas escolas, seja nas aulas de Educação Física, como nas demais disciplinas. De acordo com Rodrigues (2010), a inclusão não é algo que se decreta, mas sim deve ser encarada como um processo no qual a sociedade como um todo deve se preparar para atender a diversidade, ultrapassando barreiras arquitetônicas e atitudinais. É nesse processo que a Educação Física tem buscado contribuir, procurando compreender as deficiências e buscando maneiras de adaptar as atividades propostas de acordo com as especificidades dos alunos, garantindo assim a prática da atividade física com segurança e a efetiva participação do aluno no contexto escolar e nas aulas de Educação Física.

No entanto, apesar dos avanços da Educação Física frente ao movimento da inclusão escolar, ainda nos deparamos com alguns desafios a serem enfrentados. Por exemplo, embora muitas crianças com deficiência consigam ter acesso a escola regular, em muitos casos elas são dispensadas das aulas de Educação Física. Entre as justificativas apresentadas é possível destacar: despreparo do professor, condições inadequadas dos espaços físicos, falta de materiais, insegurança dos familiares e/ou professores, entre outros. Ao dispensar seus alunos das aulas, os professores de Educação Física negam o direito da criança com deficiência de participar plenamente de todas as atividades desenvolvidas pela escola, desrespeitando suas possibilidades, características, limites e necessidades (GORGATTI; ROSE JR, 2009; SOUZA, 2008)

Muitos professores de Educação Física têm tentado proporcionar a inclusão em suas aulas, porém, “a proposta de inclusão exige que a escola se identifique com determinados princípios educacionais e que os professores tenham atitudes compatíveis com esse princípio” (MANTOAN, 2003, p.120)

Objetivo

A pesquisa teve por finalidade levantar as percepções de professores de Educação Física sobre o processo de inclusão escolar, especificamente no que diz respeito às estratégias inclusivas voltadas para os alunos com deficiência, aos apoios recebidos por esses profissionais e a participação do aluno com deficiência nas aulas.



Método

Para alcançar o objetivo proposto, foi desenvolvida pesquisa de campo, do tipo exploratório. De acordo com Marconi e Lakatos (1990), a pesquisa de campo do tipo exploratória pode ser definida como um meio para obter informações importantes para realização de pesquisa futuras mais precisas, que modifiquem e esclareçam os conceitos sobre o assunto estudado.

Local da pesquisa

A pesquisa ocorreu em três escolas da rede municipal de ensino do município de Dourados-MS. As escolas foram escolhidas por conveniência³, são escolas localizadas em bairros periféricos da cidade que atendem, em sua maioria, alunos de família de baixa renda.

Participantes

Inicialmente foram selecionados para participar do estudo oito professores de Educação Física. No entanto, apenas seis professores participaram de fato, já que um dos professores não entregou o questionário preenchido e outro entregou o questionário para a coordenadora da escola que o perdeu.

Dessa forma, seis professores participaram do estudo. Todos os participantes eram graduados em Educação Física e possuíam especialização, sendo que P1e P6 tinham especialização em Educação Especial. A idade dos participantes variou entre 35 e 25 anos, e o tempo de experiência variou entre sete e 25 anos na área de Educação Física Escolar.

Instrumento

Para coleta de dados, foi utilizado como instrumento, questionário adaptado de Aguiar e Duarte (2005). O questionário é do tipo semi-estruturado, composto por dez questões abertas e quatro fechadas. A primeira parte do questionário, de identificação, é composta por questões sobre idade, sexo, tempo de experiência e escolaridade dos participantes.

³ Foram selecionadas as escolas que fazem parte do projeto de pesquisa intitulado Levantamento das características dos alunos com necessidades educacionais especiais incluídos nas escolas de ensino fundamental de Dourados/MS, da qual este estudo faz parte.



A segunda parte corresponde ao levantamento das percepções dos professores sobre inclusão escolar e investiga: tipos de deficiência com as quais o professor já trabalhou; conhecimentos dos professores sobre a inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física; estratégias utilizadas; tipo de apoio recebido; participação do aluno com deficiência nas aulas de Educação Física; dificuldades para realizar a inclusão nas aulas de Educação Física; avaliação da formação do professor de educação física.

Procedimento de coleta de dados

No que diz respeito aos procedimentos éticos, cabe destacar que o estudo faz parte de pesquisa já aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

As entrevistas ocorreram entre final de março e início de abril de 2012. O primeiro passo foi entrar em contato com as escolas selecionadas para solicitar a autorização, entregar a carta de apresentação aos diretores e coordenadores, assim como explicar os objetivos da pesquisa.

O segundo passo foi entregar os questionários para os professores de Educação Física. Para tanto, procedeu-se da seguinte forma: em duas escolas as coordenadoras optaram por entregar os questionários aos professores. Porém todos ficaram com e-mail e telefone da pesquisadora para entrar em contato caso houvesse dúvida quantos as perguntas do questionário. Na terceira escola, a coordenadora pediu que a pesquisadora procurasse e tratasse pessoalmente com os professores de Educação Física.

Antes de responder o questionário, todos os participantes tiveram a oportunidade de ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, todos os professores tiveram o prazo de uma semana para responder o questionário em casa ou na hora atividade.

Procedimento de análise dos dados

A análise das respostas foi realizada visando alcançar os objetivos do estudo, por meio de procedimentos quantitativos e qualitativos dos dados obtidos.

Para análise das questões abertas foi realizada interpretação descritiva, de modo a obter um panorama de como os dados estavam distribuídos, destacando as semelhanças e divergências encontradas. Os dados obtidos por meio das questões fechadas foram



utilizados para complementar as informações levantadas nas questões abertas e foram analisadas por meio de cálculo da frequência de respostas.

Resultados e discussão

Os dados levantados por meio da aplicação do questionário foram organizados em seis categorias: a) conhecimento sobre o processo de inclusão escolar; b) estratégias utilizadas para garantir a participação do aluno; c) apoio recebido; d) contribuições da Educação Física para a inclusão do aluno na comunidade escolar; e) obstáculos enfrentados; f) formação dos professores de Educação Física para a inclusão escolar.

a) Conhecimento sobre o processo de inclusão escolar

Todos os participantes indicaram já ter trabalhado com alunos com deficiência no ambiente escolar, sendo que P3 e P6 trabalharam com todos os tipos de deficiências (visual, auditiva, física e intelectual). Por sua vez, P4 e P5, lecionaram para alunos com todos os tipos de deficiência, com exceção da deficiência auditiva e P1 só trabalhou com alunos com deficiência física e intelectual. Além disso, alguns professores (P4, P3 e P2) relataram ter lecionado para alunos com outros tipos de dificuldades, respectivamente, um aluno hiperativo, um aluno com câncer e outro hepático. O professor P2 respondeu ter trabalhado com alunos com outras dificuldades, mas não as especificou.

Quando os participantes foram questionados sobre o que eles entendiam por inclusão escolar, a maioria dos professores respondeu de modo geral, englobando a inclusão na sociedade sem apresentar os princípios básicos da inclusão escolar, conforme pode ser observado nos relatos a seguir.

A possibilidade de não haver diferença entre as pessoas (P1).
Todos possam participar de sua aula planejada sem exclusão (P3).
É toda e qualquer participação na comunidade sem discriminação racial, sexual, religião e aspectos físicos (P5).

Apenas uma professora fundamentou sua resposta, indicando o significado de inclusão escolar.



Inclusão é todo indivíduo estar inserido no contexto escolar, independente da etnia, cor, deficiência, etc. Onde toda unidade esteja envolvidos no desenvolvimento educacional da criança (P2).

Ao avaliar seu próprio conhecimento sobre o processo de inclusão escolar, mais da metade dos participantes avaliou positivamente seu conhecimento para incluir seus alunos com deficiência nas aulas, indicando que o conhecimento era *bom* (P3, P4, P5) ou *muito bom* (P6). Os demais professores avaliaram seu conhecimento como *pouco* (P1) e *razoável* (P2). É importante destacar que nenhum participante apontou não ter *nenhum* conhecimento sobre a escolarização de alunos com deficiência no ensino regular.

b) Estratégias utilizadas para garantir a participação do aluno com deficiência

Quanto às estratégias utilizadas para garantir a participação do aluno com deficiência em suas aulas, todos os participantes relataram a preocupação em proporcionar atividades nas quais todos os alunos participem igualmente.

Desenvolver atividades que passo atender aos alunos, mas sem dificultar sua participação (P1).

Para haver a participação do aluno, tem-se que planejar adequadamente para que eles participem da aula igual aos demais alunos, para que não haja diferença de atividade (P5).

Tento criar um ambiente inclusivo, onde faço com que essas crianças participem mais das atividades proposta, assim acabo criando uma aproximação de todas as crianças, facilitando a amizade e cooperação (P6).

Um professor destacou não ser uma tarefa fácil incluir os alunos com deficiência em todas as atividades.

É difícil, pois são mais vinte cinco alunos por sala, então se torna um pouco difícil incluí-los em todas as atividades (P4).



Na pesquisa realizada por Aguiar e Duarte (2005), os professores relataram saber dos possíveis benefícios advindos da prática da inclusão escolar, porém afirmaram que ainda eram necessárias algumas condições para que o processo pudesse ser bem sucedido.

Ao avaliar as estratégias anteriormente relatadas, metade dos professores (P1, P4 e P5) considerou que as estratégias implementadas são *boas* e P6 avaliou que as estratégias utilizadas são *muito boas*, pois

[...] no começo é diferente mais com o passar do tempo não vemos diferença nenhuma, assim é com os nossos colegas (P6).

Por sua vez, P2 avaliou que as estratégias *podem ser melhoradas* e P3 que elas tem qualidade *razoável* por

[...] não haver livros para inclusão de pessoas com deficiência (P3).

Ao relatar o que priorizavam em suas aulas para incluir os alunos com deficiência, os professores destacaram socialização, participação, atenção e calma.

A participação de todos e a cooperação dos demais alunos que não o deficiente na inclusão é participação do mesmo (P2).

A paciência e a calma, pois só assim eles conseguem fazer a inclusão dos colegas (P6).

É possível observar que os objetivos estabelecidos pelos professores como prioridades são bastante restritos já que:

A Educação Física Escolar como componente curricular, busca resgatar a cultura infantil e juvenil, e experiências que aluno já trás e das possibilidades de novas construções, novas aprendizagens [...], oferecendo lhes oportunidades para adquirirem competências de movimentos, identidade, desenvolverem conhecimento e



percepções necessárias para engajamento independente e crítico da cultura corporal. (SOUTO, et al., 2010, p.770)

c) Apoio recebido

No que diz respeito ao apoio recebido para inclusão escolar de alunos com deficiência, a maior parte dos professores (cinco) indicou não receber nenhum tipo de apoio. Cinco professores relataram não receber apoio e consideraram que faltam muitos recursos para que as aulas de Educação Física sejam ministradas de forma verdadeiramente inclusiva.

Apenas um participante (P3) respondeu receber apoio, e avaliou que alguns dos apoios recebidos são adequados.

Busco estudar o caso com relatório do aluno, depois pego orientação com a coordenação (P3).

Embora P3 tenha afirmado receber apoio, sua resposta indica pouco conhecimento sobre quais apoios devem ser ofertados para garantir o sucesso da inclusão escolar, como por exemplo, materiais adequados, formação continuada, parceria com profissionais especializados, espaço físico adequado, entre outros.

Sobre o tipo de apoio que gostariam de receber e que consideram como importante para inclusão escolar dos alunos com deficiência, os professores relataram que gostariam de receber algum tipo de apoio que pudesse facilitar o desenvolvimento do seu trabalho, como por exemplo, “um outro professor para ajudar” (P4). Todos os professores concordaram que gostariam de receber orientação e material adequado para trabalhar, assim como apontado por vários autores (VITA et al., 2010; FONSECA; SILVA 2010; GARGATTI; ROSE JR, 2009; AFONSO; MUNSTER, 2008; LEONARDO, 2008; AGUIAR; DUARTE, 2005). Percebemos que não basta o ingresso do aluno com deficiência na escola, é necessário oferecer condições para que o professor possa atender esse alunado.

d) Contribuição da Educação Física para a inclusão do aluno na comunidade escolar.



Todos os participantes concordaram que a Educação Física contribui e muito para a inclusão na comunidade escolar. De modo semelhante, os resultados alcançados por Aguiar e Duarte (2005) indicaram que 97% dos professores responderam que a Educação Física contribui para a inclusão do aluno na comunidade escolar. No entanto, as respostas ficaram restritas apenas as aulas de Educação Física, desconsiderando que a comunidade escolar vai além das aulas em sala ou quadra, envolvendo funcionários, direção, alunos e até mesmo a família, ou seja, toda a escola deve se mobilizar em prol da inclusão escolar. A seguir, são apresentadas algumas falas dos professores que ilustram a categoria:

Sim, melhora o tratamento pessoal e a necessidade de integrar a sociedade [...] (P1).

[...] onde eles se sentem iguais em minha opinião, e as crianças adoram que eles participem das aulas (P4).

É um momento onde não somente o aluno é especial e sim toda a turma nesta hora que vamos aprender as diferenças e dificuldades de todos (P6).

e) Obstáculos encontrados

Os professores participantes também se manifestaram em relação às dificuldades em realizar a inclusão escolar nas aulas de Educação Física. Metade dos professores (P1, P2 e P6) disseram ter dificuldades, assim como os professores participantes da pesquisa conduzida por Aguiar e Duarte (2005) que relataram como obstáculos: falta de recursos materiais e humanos, ausência de espaço adequado, pouca motivação dos alunos com deficiência e não envolvimento da família.

Na pesquisa realizada por Gargatti e Rose Jr. (2009), os professores de Educação Física participantes apresentaram uma avaliação pessimista quanto ao processo de inclusão escolar e relataram como dificuldades enfrentadas: o fato de não dispor de materiais básicos, espaço físico inadequado, falta de apoio e cursos de capacitação.

As falas a seguir ilustram os obstáculos apontados pelos participantes do estudo.



Espaço inadequado, números de alunos acima do possível, material inadequado, auxiliar inexistente, falta de acompanhamento da parte organizacional (P1)

Recusa por parte da criança em participar em alguns casos, a falta de incentivos da família [...] (P2).

[...] quando os alunos já vêm de casa com um preconceito que os colegas são diferentes (P6).

Por outro lado, os outros três professores relataram não identificar dificuldades.

Se houver a falta de conhecimento, haverá dificuldade, caso contrário, não vejo isso (P3).

Não. Só falta um pouco mais de material didático específico para eles (P4).

Não tive dificuldades. Mas é claro que se houvesse mais material ajudaria muito mais (P5)

No entanto, Aguiar e Duarte (2005) afirmam que não basta o professor ter domínio teórico do assunto, é também necessário ter experiências na prática pedagógica com educação inclusiva em ambiente escolar, como materiais e apoio, cursos de capacitação e reciclagem.

f) Formação dos professores de Educação Física

Finalmente, ao avaliar a formação dos professores de Educação Física no que diz respeito à inclusão escolar, os participantes forneceram respostas bastante breves, porém indicativas de uma avaliação negativa:

Razoável, porque os cursos que fiz foram sempre com exemplos e nunca o cotidiano do ambiente escolar (P1).

Acredita que poderia ser melhor, pois quando o professor recebe uma criança com deficiência na escola, ele não tem nenhum tipo de informação ou preparação pedagógica anterior para se preparar para o trabalho com a mesma. Precisa haver mais recursos e formação continuada (P2).

Falta de pesquisa, entender e conduzir suas aulas voltadas para a evolução do aluno em seu todo, até os alunos especiais vêm com



bons olhos as atividades de seus colegas e fica com vontade de executar (P3).

Ainda não participei de nenhuma, mas gostaria muito que houvesse este tipo de formação em nossa área de atuação, pois não é nada fácil lidar com a inclusão social(P4).

Formação é básica. Tem que sempre estar atualizando (P5).

Péssima [...] olha vou ser bem sincera o conteúdo que aprendemos na faculdade é pouco quando nos deparamos com a realidade de cada aluno (P6).

As respostas não foram muito explicativas, pois faltaram argumentos indicando como os professores avaliaram a formação que receberam e como eles consideram que o curso de Educação Física deve ser modificar.

Considerações Finais

Ao analisar os dados levantados, foi possível identificar que os professores de Educação Física participantes do estudo demonstraram pouco conhecimento sobre os princípios e características do processo de inclusão escolar. No entanto, todos apresentaram preocupação em preparar e ofertar atividades pedagógicas capazes de garantir a participação e o desenvolvimento dos alunos com deficiência.

A maior parte dos professores relatou não receber nenhum tipo de apoio e indicaram como principais obstáculos para a inclusão escolar os espaços inadequados, materiais insuficientes e preconceito por parte dos alunos, familiares e demais profissionais da escola. Além disso, quanto à formação recebida, os professores avaliaram que a mesma foi insuficiente para prepará-los para o atendimento à diversidade no contexto escolar.

Em vista disso, é possível concluir que o processo de inclusão escolar está acontecendo também no que diz respeito à área de Educação Física, mas muitas barreiras precisam ser superadas para que os alunos com deficiência sejam realmente incluídos.

Como sugestões para pesquisas futuras, o questionário poderia ser aplicado junto a um número maior de professores na região de Mato Grosso do Sul para verificar semelhanças e divergências entre os dados obtidos. Além disso, seria importante selecionar como participantes professores de outras regiões brasileiras, para identificar como o processo de inclusão escolar está sendo percebido por professores inseridos em outros contextos.



Referências

- AFONSO, C. M. S.; MUNSTER, M. A. V. Proposta de inventário de avaliação das condições de inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física Escolar. In: Anais do II Seminário de Estudo em Educação Física Escolar, 2008, p. 61-107.
- AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. Educação Inclusiva: um estudo na área de Educação Física. Revista Brasileira de Educação Especial, 2005, v.11, n.2, p.223-240.
- BIACONI, E. C.; MUSTER, M. A. V. Educação Física e Pessoa com Deficiência: considerações sobre as estratégias de Inclusão no contexto escolar. In: Anais do IX Congresso Nacional de Educação e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009.
- COSTA, V. B. Concepção docente acerca da inclusão escolar do estudante diferente/deficiente no ensino comum. In: Anais do X Congresso Nacional de Educação e I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, 2011.
- GARGATTI, M. G.; ROSE Jr, D. Percepção dos professores quanto à inclusão de alunos com deficiência em aulas de Educação Física. Revista Movimento, v.15, n. 02, p. 119-140, 2009
- KARAGIANNIS, A.; STAINBACK, W.; STAINBACK, S. Fundamentos do ensino inclusivo. In: S. STAINBACK E W. STAINBACK. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, p. 22-34.
- LEONARDO, N. S. T. Inclusão Escolar: um estudo acerca da implantação da proposta em escolas públicas. Psicologia Escolar e Educacional, vol.12, n.2, 2008.
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1990.
- MONTEIRO, A. P. H.; MANZINI, E. J. Mudanças nas concepções do professor do ensino fundamental em relação à inclusão após a entrada de alunos com deficiência em sua classe. Revista Brasileira de Educação Especial, vol.14, n.1, 2008.



RODRIGUES, J. L. A tutoria em Educação Física em escola especial na perspectiva inclusiva. In: Das Margens ao Centro: perspectiva para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação inclusiva. Araraquara: Junqueira&Marin Editores, p. 393-406, 2010.

SILVA, R. H. R.; SOUZA, S. B.; VIDAL, M. H. C. Educação Física Escolar: limites e possibilidades de uma prática inclusiva. In: Anais do IX Simpósio Estratégias de Ensino em Educação/Educação Física Escolar, 2004.

SOUTO, M. C. D.; LIMA, M. G.; SILVA, V. F.; HENRIQUE, J. Integrando a Educação Física ao Projeto Político Pedagógico: perspectiva para uma educação inclusiva. Revista Motriz, v.16, n.3, p.762-775, 2010.

STRAPASSON, A. M.; CARNIEL, F. A Educação Física na Educação Especial. Revista digital- Buenos Aires, n. 104, 2007.